

Palmeira renuncia e coligação procura vice

■ Marco Maciel (PFL), preferido de ACM e de Bornhausen, é o nome mais cotado para compor chapa com Fernando Henrique

DORA KRAMER

BRASÍLIA — O senador Guilherme Palmeira decidiu ontem renunciar à candidatura



a vice-presidente na chapa de Fernando Henrique Cardoso, depois de uma longa reunião com seu assessor Carlos Abraão Moura, em São Paulo. Na carta, que foi entregue ontem mesmo a Fernando Henrique, Palmeira diz que tomou a decisão de sair da disputa para "não prejudicar a candidatura principal". À noite, o comando político da campanha, com integrantes das cúpulas do PFL e do PSDB, iniciou uma reunião em Brasília para discutir o nome do novo vice.

Os pefelistas Jorge Bornhausen e Antonio Carlos Magalhães praticamente confirmaram que o escolhido seria o senador pernambucano Marco Maciel. Por parte do PSDB, no entanto, o presidente do partido, Pimenta da Veiga, e o secretário-geral, Sergio Motta, diziam no início da noite que naquela altura não seria prudente apostar em ninguém, mas citaram os nomes dos deputados Gustavo Krause e Roberto Magalhães. A hipótese de o candidato ao governo de Pernambuco pelo PFL, Gustavo Krause, ocupar o lugar de Palmeira, foi reforçada pela chegada dele a Brasília, às 18h, acompanhado pelo senador Marco Maciel e pelo deputado Luís Eduardo Magalhães.

Cheques — Muito criticado, tanto pelo PFL quanto pelo PSDB, por não ter tomado uma atitude enérgica contra seu assessor assim que surgiram as acusações de que ele fazia lobby da construtora Sérvia usando o gabinete do senador, Guilherme Palmeira decidiu renunciar depois de conversar longamente com Carlos Abraão, um alagoano funcionário do Tribunal de Contas do estado. Segundo testemunhas da conversa, o assessor teria admitido o

recebimento de vários cheques da construtora, o que deu a Guilherme Palmeira a exata noção de que as acusações eram ainda mais leves do que a realidade. Se continuasse, concluiu Palmeira depois deste encontro, as conseqüências para a campanha de Fernando Henrique seriam desastrosas.

Collor — Em Alagoas, amigos do senador Palmeira levantavam ontem a hipótese de a origem da denúncia de que havia gente ligada a ele envolvida com a Sérvia ter partido de aliados do ex-presidente Fernando Collor. Mais especificamente, do ex-secretário de Assuntos Estratégicos, Pedro Paulo Leoni Ramos, que prestou serviços à Sérvia através de uma empresa de consultoria de sua propriedade, notadamente no período em que Collor governou Alagoas. O interesse de Collor em bombardear Palmeira seria o de impedir o acesso de um aliado de Divaldo Suruagy — inimigo histórico do ex-presidente — ao poder central.

O ex-governador da Bahia Antônio Carlos Magalhães não acredita nesta hipótese, nem na possibilidade de Guilherme Palmeira estar diretamente envolvido com a Sérvia. ACM, no entanto, desde ontem de manhã apostava que a renúncia do vice era questão de horas. "Não pedi para ele entrar, portanto não posso pedir para sair, mas acho que ele não tem mais interesse em ficar", dizia, defendendo a tese de que Palmeira deveria ter partido para a ofensiva, demitindo o funcionário desde o primeiro momento.

Para Antônio Carlos, o nome mais provável para substituir Palmeira era o de Marco Maciel. Na cúpula do PSDB apostava-se até ontem de manhã em Wilson Kleinünbing, de Santa Catarina. O PFL, no entanto, não admitia abrir mão da eleição certa dele para o Senado. Bornhausen preferiria também apostar em Maciel. Gustavo Krause não seria um bom nome por não ter conseguido chegar perto dos índices de Arraes em Pernambuco.



Fernando Henrique deixou a produtora Diana quando a renúncia de Guilherme Palmeira foi confirmada e seguiu imediatamente para Brasília

São Paulo — Carlos Goldgrub